

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
Imagem e mídia: a comunicação sob a autoridade das telas

MIGUEL TOMÉ VILELA

CAPITALISMO 24/7, IMAGENS TÉCNICAS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

São Paulo
2022

Resumo

Este texto busca refletir sobre o aparente descompasso entre as evidências científicas que alertam para as consequências catastróficas das mudanças climáticas e como elas são apresentadas pelos meios de comunicação e absorvidas pela sociedade a partir do pensamento de Jonathan Crary e Vilém Flusser. E na tentativa de encontrar maneiras de como agir e produzir imagens neste momento crucial na história da humanidade, articulamos esses autores com pensadores que discutem o Antropoceno e saída da crise via o conhecimento e os sonhos dos povos ameríndios.

Palavras-chave

Imagens técnicas; capitalismo; mudanças climáticas; povos ameríndios; sonho.

Introdução

Em uma cena do filme *Não Olhe para Cima* – do diretor Adam McKay, lançado no Brasil pela Netflix em 2021 –, os cientistas Randall Mindy e Kate Dibiasky (vividos por Leonardo di Caprio e Jennifer Lawrence, respectivamente) são convidados por um programa matinal de variedades para contar sobre sua mais recente descoberta científica.

Poucos dias antes, Mindy e Dibiasky, pesquisadores em um observatório astronômico da Universidade de Michigan, constataram que um asteroide com entre 6 e 9 km de diâmetro estava a caminho da Terra e acabaria com o planeta em questão de meses.

Os apresentadores recebem a notícia com piadas. Jack Bremmer (Tyler Perry), sorrindo, pergunta se o cometa destruiria a casa de sua ex-esposa.

Dibiasky responde com espanto: “Perdão, mas não estamos sendo claros? Estamos tentando dizer que o planeta inteiro vai ser destruído”. Ao que a apresentadora Brie Evantee (Cate Blanchett) explica: “É o que fazemos aqui: deixamos as notícias ruins mais leves”. “Ajuda a fazer o remédio descer”, completa Bremmer. A cena termina com a cientista Dibiasky inconformada. “Talvez, a destruição do planeta não devesse ser divertida. Talvez, devesse ser algo aterrorizante e perturbador. E vocês devem ficar acordados a noite inteira, toda noite, chorando, quando há 100% de certeza de que todo mundo vai morrer, porra!”

À época do lançamento, em meio aos arroubos negacionistas do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia de coronavírus, o filme foi recebido como uma crítica à condução da crise sanitária pela classe política. (METRÓPOLES, 2022)

Mas uma situação real muito semelhante dá pistas de que o filme comenta, na verdade, sobre a dificuldade que cientistas e comunicadores de ciência têm em transmitir a gravidade da crise climática. Recentemente, a jovem ativista inglesa Phoebe Plummer – que ficou famosa por jogar tinta laranja em um quadro de Van Gogh, que estava protegido por uma camada de vidro, como protesto contra a concessão de licenças para extração de petróleo expedidas pelo governo britânico (G1, 2022) – protagonizou uma conversa muito parecida durante um programa da emissora BBC. Inconformada, ela confronta a jornalista que conduz a entrevista.

Thank you so much for having me on [...], but, as journalists, are you doing enough? This is the biggest crisis that humanity has ever faced. You make tons

of reports on sports every day. So why aren't you telling people how bad it's going to get? Why aren't you out on the streets with us? Because I admire your optimism, and I admire you telling people we have to go towards a renewable future – I agree with you –, but, quite frankly, it's not happening in terms of policy. (JUST STOP OIL, 2022)

Essa aparente falta de ação, uma apatia frente as notícias aterrorizantes sobre as previsões climáticas a médio e longo prazo, é tema recorrente no trabalho de filósofos como Deborah Danowski e Bruno Latour.

[...] basta abrir os jornais ou ligar a TV para perceber o grau de esquizofrenia que acomete hoje nossa sociedade, e como esse consenso científico estranhamente não gerou um consenso da opinião, ou ao menos não gerou uma consciência da real gravidade da situação que estamos vivendo. Enquanto os cientistas [...] falam em um aumento de 4 a 6 ° C na temperatura do planeta até o fim deste século, aqui “embaixo”, por trás da enxurrada de campanhas publicitárias das empresas que cada vez mais usam e abusam da maquiagem verde, limitamos a discutir reciclagem de lixo e outras medidas proporcionalmente insignificantes, e o governo se empenha em destruir, pouco a pouco, a legislação ambiental construída a duras penas ao longo de décadas, difamando os ambientalistas como “ecochatos” e acusando-os de querer atrasar o desenvolvimento do país em nome de suas fantasias de mundos impossíveis. (DANOWSKI, 2012)

Bruno Latour – ao falar da enxurrada de notícias sobre o derretimento das geleiras, a extinção das espécies, o aumento do nível do mar –, chega a uma conclusão semelhante sobre essa esquizofrenia que menciona Danowski. Para ele, a imprensa chamar essas mudanças de “crise ecológica” é apenas uma maneira de nos reafirmar, dizendo que isso, por ser uma crise, também vai passar, rapidamente ficará para trás. “Quem dera fosse apenas uma crise”, escreve Latour.

“Ouvimos uma notícia ruim atrás da outra, portanto, era de esperar que tivéssemos o sentimento de ter deslizado de uma simples crise ecológica para o que seria preciso denominar uma profunda mutação em nossa relação com o mundo. E, no entanto, esse sem dúvida não é o caso. A prova é que recebemos todas essas notícias com calma surpreendente, até mesmo com estoicismo admirável...” (LATOURE, 2020)

Parece realmente haver algum erro de comunicação. Há algo a tentar se entender nesse problema facilmente diagnosticável que acontece em algum lugar entre as evidências científicas e a nossa não reação de desespero ao encará-las.

Objetivo

Tentarei entender esse problema de comunicação para contribuir com novas ideias para como comunicar a gravidade da crise climática. O texto fará isso articulando o pensamento de Jonathan Crary exposto no livro *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do*

sono e o de Vilém Flusser, nos livros *Filosofia da caixa-preta* e *Universo das imagens técnicas*, com o de pesquisadores preocupados em discutir essa “profunda mutação em nossa relação com o mundo” que menciona Latour.

De antemão, aviso que este texto provavelmente falha em apresentar soluções de qualquer tipo, especialmente as fáceis e rápidas, para os comunicadores e fotógrafos que, como eu, trabalham na cobertura jornalística das mudanças climáticas. Mas tento dar um passo atrás, abstrair para tentar encontrar essas soluções.

A ideia de escrever este trabalho surge, em parte, de uma genuína dificuldade que eu e outros colegas profissionais de comunicação percebem (por exemplo SHIRTS, 2017) – principalmente nas ferramentas de análise de audiência como Google Analytics – em divulgar informações sobre a gravidade da crise climática.

O mundo 24/7

Crary revela um mundo no qual a atenção das pessoas é disputada 24 horas por dia, sete dias por semana. Os mercados e a infraestrutura global para o trabalho e o consumo contínuos evoluíram a tal ponto que estados e instituições gastam seus dólares buscando maneiras de romper o último obstáculo à completa realização do capitalismo 24/7: o sono.

“O planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, aberto o tempo todo. A insônia é o estado no qual a produção, o consumo e o descarte ocorrem sem pausa, apressando a exaustão da vida e o esgotamento dos recursos.” (CRARY, 2014)

Esse não é um estado completamente novo das coisas. Diferentemente do que propagam os futuristas que tratam as novas tecnologias como uma nova era digital, comparável à Revolução Industrial ou à invenção da prensa por Gutemberg, essa sociedade, começa a se estabelecer em meados do século 19, há cerca de 150 anos.

Cada novo aparelho tecnológico que chega ao mercado nada mais é do que a continuação desse processo iniciado há um século e meio. “Mas se e quando tais aparelhos forem introduzidos (e serão, sem dúvida, considerados revolucionários), eles simplesmente tornarão mais fáceis a perpetuação do mesmo exercício banal de consumo ininterrupto, isolamento social e impotência política [...]” (Idem).

Esse desenvolvimento aparentemente imparável e inevitável é intrinsecamente ligado à crise ambiental e climática na qual vivemos hoje. “24/7 é inseparável da

catástrofe ambiental, dada a exigência de gasto permanente e desperdício sem fim para sua manutenção e a interrupção fatal dos ciclos e estações dos quais depende a integridade ecológica.” (Idem)

Seria de se pensar que, ao encarar os limites da exploração dos recursos naturais e as consequências nefárias de queimar florestas e combustíveis fósseis e jogar quantidades sem precedentes nos últimos 800 mil anos (e talvez nos últimos 15 milhões de anos) de carbono na atmosfera, a humanidade daria um jeito de frear esse ímpeto destruidor. Mas, mais uma vez, definitivamente, esse não é o caso. Como comenta Latour (2020):

Desta vez, a humanidade, muito velha, cautelosa e vacilante, que, como de costume, avança apenas tasteando, batendo em cada obstáculo com sua bengala branca como um cego, ajustando-se com cuidado a cada sinal de perigo, retraindo-se assim que sente uma resistência, avançando muito rápido logo que o horizonte se abre, antes de mais uma vez hesitar quando aparece outro obstáculo, esta humanidade permaneceu impassível. Nenhuma de suas velhas virtudes camponesas, burguesas, artesãs, operárias e políticas parece ter prevalecido.

Parar o desenvolvimento dessa sociedade 24/7 é algo impensável, uma heresia. “Caracterizar a ordem atual, ao fim inviável e insustentável, como tudo menos inevitável ou inalterável, é incorrer em uma forma contemporânea de heresia. Estão proibidas as opções de vida críveis ou visíveis fora das demandas de comunicação e consumo 24/7.” (CRARY, 2014)

Acreditamos que esse diagnóstico de Crary explica a dificuldade de se comunicar a gravidade da catástrofe climática que revelamos no início deste texto. A notícia de que o planeta está a acabar por culpa da sociedade 24/7 – ou de que um meteoro gigante se aproxima da Terra, como na metáfora apresentada no filme *Não olhe para cima* – não gera nenhuma comoção, não vende jornais, não engaja, nem entrega cliques.

Isso não quer dizer, em absoluto, que a notícia não é entregue. Essa sociedade está ciente da gravidade da crise. “Não é que não houvesse alerta; nem que os alarmes tenham sido furiosamente desconectados; não, as sirenes apitam com toda a força, mas, apesar disso, decidimos, virilmente, que não nos deixaremos inibir pelos perigos.” (LATOUR, 2013)

Também não é que não surjam soluções para a crise. Elas estão por aí, mas dão pinta de que tudo que o mundo precisa é apenas um pequeno ajuste de rota.

Mesmo entre as vozes plurais que afirmam que “outro mundo é possível”, aparece muitas vezes a conveniente concepção de que a justiça econômica, o arrefecimento das mudanças climáticas e a criação de relações sociais igualitárias podem de alguma maneira coexistir com empresas como Google, Apple e General Electric. (CRARY, 2014)

A vida não é útil

Nesse ponto, é interessante notar que o pensamento de Crary coincide com o de Ailton Krenak, líder indígena e filósofo brasileiro. Em seu livro *A vida não é útil*, Krenak diz ser atacado por criticar o que ele chama de mito da sustentabilidade – uma heresia, como diria Crary.

Outro dia fiz um comentário público de que a ideia de sustentabilidade era uma vaidade pessoal, e isso irritou muitas pessoas. Disseram que eu estava fazendo uma afirmação que desorganizava uma série de iniciativas que tinham como propósito educar as pessoas sobre o gasto excessivo de tudo. Eu concordo que precisamos nos educar sobre isso, mas não é inventando o mito da sustentabilidade que nós vamos avançar. Vamos apenas nos enganar, mais uma vez, como quando inventamos as religiões. (KRENAK, 2020, n.p)

Para Krenak, o esforço em colocar a responsabilidade pela catástrofe climática no indivíduo, ou seja, dizer que se “economizarmos água, ou só comermos orgânico e andarmos de bicicleta, vamos diminuir a velocidade com que estamos comendo o mundo” não passa de uma mentira bem embalada, assim como a ideia de que o desenvolvimento tecnológico que nos trouxe até aqui também vai nos ajudar a tirar do mesmo buraco.

Estamos transformando os oceanos em depósitos de lixo impossíveis de tratar, mas vocês, certamente, vão escutar um bioquímico ou um engenheiro espertalhão dizendo que tem uma start-up que vai jogar um negócio na água, derreter o plástico e resolver tudo. Essa pilantragem orienta, inclusive, as escolhas de jovens que vão fazer especializações em universidades na Alemanha, na Inglaterra, ou em qualquer lugar, e voltam ainda mais convencidos do erro. Voltam, assim, transbordantes de competência para persuadir os outros de que comer o mundo é uma ótima ideia. (Idem, n.p)

Mais do que corroborar nossas suspeitas sobre o estado da humanidade, acredito que encontrar essas coincidências no pensamento de pesquisadores com trajetórias de vida e estilo tão díspares nos ajuda a encontrar respostas sobre como agir nestes tempos de iminência do fim do mundo. E aí encontramos outro importante tópico abordado por Crary e Krenak: o sonho.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak dedica um capítulo para falar do sonho, “essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar,

mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia”. (Idem, n.p).

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada.” (Idem)

Esse tipo de sonho, sabe-se, é um elemento importante no cotidiano dos povos ameríndios. O sonho, especialmente o dos xamãs indígenas induzido pelo consumo de alucinógenos, é a principal via para se conhecer os fundamentos invisíveis do mundo para muitos outros povos ameríndios. (KOPENAWA; ALBERT, 2019, pag. 38)

No livro *A Queda do Céu*, o xamã e líder yanomami Davi Kopenawa inclusive culpa o descaso dos brancos com a floresta à uma incapacidade de sonhar. “Se os brancos pudessem, como nós, escutar outras palavras que não as da mercadoria, saberiam ser generosos e seriam menos hostis conosco. Também não teriam tanta gana de comer nossa floresta.” (Idem, pag. 413).

Informado em sonhos pelos espíritos da floresta, Kopenawa anuncia a catástrofe ambiental da mesma forma que os cientistas do clima com seus instrumentos tecnológicos de medição, sem precisar dos livros ou das telas onipresentes na sociedade 24/7. “Para saber disso, não preciso ficar com os olhos cravados em peles de imagens, como fazem os brancos. Basta-me beber *yãkoana*¹ e sonhar escutando a voz da floresta e os cantos dos xapiri.” (Idem, pag. 355). Não que fosse necessário, mas o engenheiro agrônomo Antonio Nobre, mestre em ecologia tropical e P.h.D em bioquímica, é um dos cientistas que atestam esse conhecimento. “[...] Tudo o que o livro [*A queda do céu*] falava era extremamente fundamentado na melhor ciência, sem ele conhecer nada da ciência do branco. Ele conhecia a ciência que ele chama do saber dos espíritos da floresta.” (NOBRE, 2021).

A crítica de Kopenawa ao que ele chama de sociedade da mercadoria tem muitos pontos de encontro com o livro de Cray que analisamos. Tanto para Cray quanto para

¹ Na língua yanomami, pó alucinógeno retirado da resina da árvore ucuuba-vermelha, cujo principal princípio ativo é a dimetiltriptamina. (KOPENAWA; ALBERT, 2019, pag. 597)

Kopenawa, o sono e o sonho parecem ser uma questão chave para entender a sociedade dos brancos.

Os brancos dormem deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam com desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos. Seu saber não vai além das palavras que dirigem uns aos outros em todos os lugares onde vivem. (KOPENAWA; ALBERT, 2019, pag. 38)

O biólogo brasileiro Sidarta Ribeiro é outro pesquisador que deposita nos sonhos a saída para a crise atual. Em seu livro *O oráculo da noite: a história e a ciência do sono*, Ribeiro não apenas explica didaticamente os mecanismos bioquímicos que nos permitem sonhar, mas também descreve a história do sonho desde que surgiu como um mecanismo de sobrevivência na evolução das espécies e como diferentes povos e sociedades se valeram dos sonhos para guiar suas decisões – uma prática abandonada apenas recentemente pelos modernos.

A ciência dos biólogos, químicos e físicos precisa caminhar de braços dados com a sabedoria dos xamãs e iogues, jamais contra ela. Em sua amplitude, o sonho lúcido tem potencial para ser o espaço mental que nos permitirá imaginar soluções para os problemas mais desafiadores, da destruição dos mananciais à dicotomia entre mente e cérebro, da epidemia de suicídio ao desmatamento acelerado das florestas que restam, da desigualdade extrema à corrupção generalizada, do vício mais destrutivo de todos – o dinheiro – até o acúmulo de microplásticos, da hecatombe da criação e do abate cruel de animais até o fim de quase todos os empregos, muito em breve, quando os robôs concluírem sua chegada triunfal. (RIBEIRO, 2019)

Por fim, dito isso, Crary também coloca suas esperanças no sonho. Ele conclui seu livro dizendo que, no capitalismo 24/7, o sono é resistência. “A inércia restauradora do sono se coloca contra a letalidade de toda a acumulação, a financeirização e o desperdício que devastaram tudo aquilo que costumava ser de domínio comum.” O fim do capitalismo, fruto de um sonho bom:

Talvez — em muitos lugares diferentes, em muitos estados disparatados, inclusive na fantasia e no devaneio — a imaginação de um futuro sem capitalismo comece como um sonho. Seriam insinuações do sonho como interrupção radical, como recusa do peso impiedoso do nosso presente global, do sono que, no nível mais mundano da experiência cotidiana, pode sempre esboçar os contornos de renovações e começos mais plenos de consequências. (CRARY, 2014)

Filosofia da caixa-preta

Mesmo que tenha sido escrito na década de 1980, em *Filosofia da Caixa Preta*, Vilém Flusser dá um diagnóstico igualmente apocalíptico para a sociedade. Dado que o período histórico que Flusser foca em seu livro é o que se sucede a partir da invenção da

fotografia, em meados do século 19, tanto ele quanto Cray, a seus modos, parecem descrever o desenrolar do mesmo fenômeno.

Lendo Flusser, entendemos que estamos presos em uma armadilha do sistema, que lega ao fotógrafo – conceito que talvez possa ser estendido a artista – apenas a possibilidade de perpetuar, indefinidamente, o programa do aparelho. O aparelho fotográfico de Flusser é o patriarca de todos os outros aparelhos, fonte primeva da robotização da vida – evidente não só nos guichês de bancos, nas fábricas, em viagens turísticas, nas escolas, nos esportes, na dança, mas também nos textos científicos, poéticos e políticos, nas composições musicais, na arquitetura.

O universo fotográfico é produto do aparelho fotográfico, que por sua vez, é produto de outros aparelhos. Tais aparelhos são multiformes: industriais, publicitários, econômicos, políticos, administrativos. Cada qual funciona automaticamente. E suas funções estão ciberneticamente coordenadas a todas as demais. O input de cada um deles é alimentado por outro aparelho; o output de todo aparelho alimenta outro. Os aparelhos se programam mutuamente em hierarquia envelopante. Trata-se, nesse complexo de aparelhos, de caixa preta composta de caixas pretas. Um supercomplexo de produção humana. Produzido no decorrer dos séculos XIX e XX, pelo homem. (FLUSSER, 1985)

A grande questão para Flusser é o cerceamento da liberdade. Para ele, muito além das imagens, os aparelhos já tomaram conta de vários outros terrenos da vida humana: da biologia, psicologia, linguística, informática, cibernética. “Em todos, estamos já, de forma espontânea, pensando informaticamente, programaticamente, aparelhisticamente, imagetivamente. Estamos pensando do modo pelo qual “pensam” computadores.” (idem, pag. 39)

Agora, se pudéssemos colocar nessa conta de Flusser os efeitos devastadores das mudanças climáticas antrópicas, esse cenário se mostra ainda mais tenebroso. Como diz Latour (2020), as mudanças climáticas exigiriam que a os humanos recuperassem “suas velhas virtudes camponesas, burguesas, artesãs, operárias e políticas”. No entanto, se consideramos Flusser, tudo indica que a humanidade não tem agência para resolver esse problema neste mundo robotizado, que apenas perpetua informações repetidas produzidas por aparelhos. Neste momento, portanto, o planeta Terra ruma impassível, e a uma velocidade sem precedentes, ao que Flusser chama de morte “térmica”. Explica-se:

Reconhecemos no cosmos um sistema que tende para situações cada vez mais prováveis. Situações improváveis surgem ao acaso, de vez em quando. Mas retornarão, necessariamente, para a tendência rumo à probabilidade.

Reformulando: reconhecemos no cosmos um sistema que contém um programa inicial, no big bang, que vai se realizando por acaso, automaticamente. No curso da realização, surgirão informações que vão pouco a pouco, se desinformando. A cada instante, o universo é situação surgida ao acaso, que levará necessariamente à morte "térmica", de forma que o universo é aparelho produtor do caos. A nossa própria cosmologia não passa de imagem desse aparelho. Em conseqüência, tal cosmovisão deve descartar toda explicação causal e recorrer a explicações formais, funcionais. Os quatro conceitos-chave da fotografia são também os da cosmologia. (FLUSSER, 1984)

Em *Filosofia da caixa preta*, Flusser oferece quase nenhuma alternativa a esse mundo robotizado. Mas, em *Universo das imagens técnicas – Elogio à superficiliadade*, Flusser tenta profetizar o mundo habitado pelos "nossos netos e, se nos quisermos otimistas, bisnetos" (2008). E aí ele também fala de sonhos. Flusser compara a sociedade telemática que ele previa surgir à um formigueiro, pois este funciona como um supercérebro composto pela ligação dos cérebros de todas as formigas. Já o supercérebro telemático é "composto como mosaico de cérebros individuais humanos formando um supercérebro, supercérebro este que "pensa" sob forma de imagens técnicas e em cujo "interior" nossos netos levarão vida de formigas." (idem, pag. 131)

Mas à essa altura, os netos e bisnetos de Flusser já seriam mamíferos atrofiados, com apêndices inúteis e tudo que fariam seria, em vez de trabalhar, excretar sonhos.

O formigueiro telemático é teia de aranha telemática, estrutura composta de fios que religam nada com nada, de "relações puras": puro campo de virtualidades. A teia de fios é o universo todo, o universo dos sonhos dos nossos netos. A cibernética é a arte de tecer tais sonhos. Onde não há nem "fora" nem "dentro", nem espaço "público" nem espaço "privado", não pode ha-ver política, essa privatização do público e publicização do privado. Os nossos netos não terão público a ser privatizado nem privacidade a ser publicizada: terão "apenas" relações que os religarão uns aos outros c nas quais se realizarão sob forma de imagens. Na sociedade emergente, o termo "política" desliza do terreno da ética e dos valores para o terreno da estética, da arte. Política é sinônimo de arte e administração pública, sinônimo de criatividade. (idem, pag. 130)

É certo que não parece um mundo tão atrativo o de seres humanos como mamíferos atrofiados, que apenas se comunicam pelos seus "terminais". Tampouco é difícil imaginar esse mundo onde os as pessoas não tiram os olhos dos seus aparelhos produtores de imagens técnicas. Flusser admite que enxerga essa cena com horror, "aquele mesmo horror que se apodera de mim quando contemplo a criançada que brinca com computadores." Mas afirma: é preciso combatê-lo.

Como? Talvez aprendendo a sonhar de verdade. É pouco provável que Flusser ou Cray tenham levado em conta o tipo de sonho sonhado pelos povos tradicionais. Mas nada nos impede de levar a sério as previsões de Flusser e o desejo de mudança de

Crary (o fim do capitalismo) e buscar no conhecimento dos povos ameríndios uma saída para essa armadilha em que a humanidade se enredou.

Flusser e Latour

Curiosamente, não é difícil aproximar o pensamento de Vilém Flusser ao de Bruno Latour. Ambos falam de caixas-pretas, insistem em pontuar agência de atores não humanos – ou aparelhos – nos fenômenos sociais e naturais e, a meu ver, entendem a construção de significados – no caso de Flusser e das imagens técnicas – e de fatos – no caso de Latour – de maneira semelhante.

Há, inclusive, quem argumente que Flusser pode ser considerado, retrospectivamente, um pensador atento aos aspectos característicos e essenciais do que hoje é chamado de semiótica material, uma tradição de pesquisa derivada dos estudos em ciência e tecnologia, em especial os conduzidos por John Law, Donna Haraway e Bruno Latour. (DE SOUZA FANFA; GRIPP, 2020) “Nos anos 1970 e 1980, tanto Vilém Flusser quanto os estudos acerca da construção social da ciência e tecnologia, que depois desembocaram na semiótica material, convidam-nos a abrir caixas pretas.” (Idem, pag. 187)

É curioso pensar como e se Flusser, morto em 1991, reagiria às evidências científicas que dão conta da catástrofe climática que começam a aparecer ainda na década de 1990, mas com mais força na década seguinte. Quanto a Latour, sabemos que passou a refletir sobre o que ele chama de Novo Regime Climático em suas Gifford Lectures, proferidas em 2013, que eventualmente deram origem ao livro *Diante de Gaia* (2020).

Para ele, estamos em guerra e precisamos admitir que estamos em guerra, na Guerra de Gaia, a entidade teorizada pelos cientistas James Lovelock e Lynn Margulis e apropriada por Latour para explicar a “Terra entendida não como um sistema, mas como aquilo que tem uma história, que mobiliza tudo na mesma geo-estória. Gaia não é a Natureza, tampouco é uma deidade”. (LATOURE, 2020)

De Castro e Danowski (2018) apontam que Latour tem dificuldades em definir os dois lados dessa guerra. De um lado, estariam os humanos modernos, que creem que poderemos seguir vivendo da mesma forma como vivemos nos últimos 150 anos, na

natureza indiferente do Holoceno. Do outro lado, os Terranos do Antropoceno, que Latour hesita em identificar. Mas entre estes, certamente estariam os povos que se dizem “reunidos sob a égide, por exemplo, de Pachamama, a deusa da Terra.” (Idem, pag. 126)

Ele está se referindo, é claro, aos povos ameríndios e seus congêneres não-modernos, que vêm crescentemente adaptando a retórica ambientalista ocidental a suas cosmologias, vocabulários conceituais e projetos existenciais, e retraduzindo estes últimos para uma linguagem modernizada de inequívoca intenção política – visando com isto fazer a civilização que julga ter inventado a política, e que tal invenção a distingue, entender que a política é apenas um departamento da cosmopolítica, e que isto a iguala a todas as outras. A voz desses povos começa a ser ouvida em pelo menos alguns setores das sociedades privilegiadas do "Norte global", aqueles que já se deram conta de que, desta vez, as coisas podem acabar mal para todo mundo, em toda parte, de um modo ou de outro. (Idem, pag. 126)

Mas Latour duvida que esses povos possam liderar o campo dos Terranos na Guerra de Gaia – ele diz que não estão preparados porque estão em números muito pequenos e possuem tecnologias de caráter relativamente rudimentar. Além disso, o autor não crê que esses povos e suas soluções possam ampliar a escala de seus modos de vida às dimensões das metrópoles técnicas, onde metade da humanidade vive amontoada.

No entanto, o que De Castro e Danowski defendem, e que corroboro na conclusão, é o contrário: os povos indígenas podem sim liderar essa guerra. Talvez seja Latour que não esteja preparado para:

encarar de frente a situação altamente provável de que sejamos nós, os povos do Centro, com nossas sociedades de "avançada" tecnologia, povoadas de autômatos obesos, midiaticamente teleguiados, psicofarmacologicamente estabilizados, dependentes de um consumo (de um desperdício) monumental de energia, vivendo como doentes heteronomicamente sustentados por aparelhos de delicada e caríssima manutenção – que sejamos nós, em suma, que tenhamos muito em breve que baixar a bola, reduzindo a escala de nossos confortáveis modos de vida. (Idem, pag. 127)

Primeiro que os indígenas não estão assim em número tão pequeno: afinal, são 370 milhões de pessoas indígenas vivendo em 70 países (Idem, pag. 126). Segundo, é justamente a tecnologia que esses povos dominam, a tecnologia de Gaia, que será fundamental para ‘reajardinar’ o planeta, a fim de mitigar os efeitos das mudanças climáticas (NOBRE, 2021).

Conclusão

Nos parágrafos precedentes, tentei demonstrar que o problema de comunicação sobre a nossa atual situação de catástrofe climática explicitado no início do texto pode ser compreendido ao analisar o pensamento de Jonathan Crary e Vilém Flusser.

Depois, na tentativa de encontrar maneiras de como (re)agir neste momento crucial na história da humanidade, mostramos como essas ideias de Flusser e Crary podem ser articuladas com as ideias de autores como Sidarta Ribeiro, Ailton Krenak e Davi Kopenawa.

Nessa articulação, percebe-se que um tema em comum surge: o sonho. Mas se Crary toca nesse assunto apenas brevemente e Flusser fala do sonho como uma profecia potencialmente horrorosa, defendemos levar essas ideias a um novo patamar. A meu ver, precisamos aprender a sonhar com os povos tradicionais.

E para não terminar sem saber o que fazer, deixo uma sugestão de Sidarta Ribeiro (2019) de como reaprender a sonhar:

Basta um pouco de autossugestão antes de dormir, com a disciplina de permanecer imóvel na cama ao despertar, para que a prolífica caixa de Pandora se abra. A autossugestão pode consistir em repetir, um minuto imediatamente antes de dormir: "Vou sonhar, lembrar e relatar". Ao despertar, papel e lápis à mão, o sonhador de início fará um esforço para lembrar o que sonhou. A princípio a tarefa parece impossível, mas rapidamente uma imagem ou cena, mesmo que esmaecida, virá à tona. A ela o sonhador deve se agarrar, mobilizando a atenção para aumentar a reverberação da lembrança do sonho.

Talvez sonhando como os indígenas possamos criar imagens que consigam escapar da armadilha deste mundo de Flusser agenciado por aparelhos, do capitalismo 24/7, que acelera o caminho do planeta rumo à sua morte térmica.

Bibliografia

CRARY, Jonathan. 24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Cultura e Barbárie Editora, 2014.

DE CASTRO, Eduardo Viveiros; DANOWSKI, Déborah. Humans and Terrans in the Gaia war. A world of many worlds, p. 172-203, 2018.

DE SOUZA FANFA, Mauricio; GRIPP, Phillipp Dias. Um mundo de coisas mais competentes que nós: abrindo caixas pretas através de uma semiótica material em Vilém Flusser. Intexto, n. 51, p. 185-202, 2020.

FAUSTO, Juliana. CHAMADA Terranos e poetas: o" povo de Gaia" como" povo que falta". **revista Landa**, 2013.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta – São Paulo : Hucitec, 1985.

G1. Ativistas jogam sopa de tomate em obra de Van Gogh; veja vídeo. G1. 14 out. 2022. Disponível em < <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/10/14/ativistas-jogam-molho-de-tomate-em-obra-de-van-gogh.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

JUST STOP OIL. Phoebe Plummer on BBC Newsnight | 02 November 2022 | Just Stop Oil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUV1vQHALLw>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

KOFMAN, Ava. Bruno Latour, the post-truth philosopher, mounts a defense of science. New York Times Magazine, v. 25, 2018. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2018/10/25/magazine/bruno-latour-post-truth-philosopher-science.html>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Ubu Editora, 2020.

LATOUR, Bruno. Facing Gaia. **Six lectures on the political theology of nature. Gifford Lectures at the University of Edinburgh. Edinburgh**, 2013.

METRÓPOLES. “Não Olhe para Cima” na vida real? Internautas comentam paralelos do filme da Netflix com a gestão brasileira da pandemia. 26 dez. 2021. Twitter: @metropoles.

Disponível em: < <https://twitter.com/metropoles/status/1475216588139864065>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

NOBRE, Antonio. O planeta está enfermo – é preciso reajardiná-lo. Paulina Chamorro. National Geographic Brasil. 3 de fev. de 2021. Disponível em: < <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/01/antonio-nobre-o-planeta-esta-enfermo-e-preciso-rejardina-lo>> Acesso em 17 de dez. de 2022.

RIBEIRO, Sidarta. O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho. Editora Companhia das Letras, 2019.